



Seleção de obras literárias infantis para crianças com Transtorno do Espectro Autista: reflexões sobre suportes e formas de apresentação

Selection of literary books for children with Autistic Spectrum Disorder: reflections on supports and forms of presentation

Magali Lippert da Silva Almeida 

Doutora em Letras

Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

magali.lippert@poa.ifrs.edu.br

Resumo

O artigo trata da seleção de acervos infantis para o trabalho de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Fez-se uma revisão histórica sobre o transtorno e foi realizada uma reflexão sobre a mediação de leitura para crianças, tendo como objetivo analisar as possibilidades de inclusão. Optou-se por apresentar os melhores suportes e formatos de apresentação de livros para crianças dentro do espectro considerando suas deficiências e potencialidades. Por fim, com o apoio do referencial teórico, se concluiu que livros de plástico, em tecido e papel cartonado, são mais adequados para crianças pe-quenas e que para crianças maiores se deve atentar para o tamanho e formato da fonte adotada no livro, as questões visuais de cor e brilho do papel e a não sobreposição de ilustrações.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; seleção de acervos infantis; mediação de leitura; desenvolvimento de coleções; inclusão.

Abstract

The article presented here deals with the selection of children's collections for the work of inclusion of children with Autistic Spectrum Disorder. A historical review of the disorder was carried out and a reflection was carried out on the mediation of reading for children, with the aim to analyze the possibilities of inclusion. It was decided to present the best supports and formats for presenting books for children within the spectrum, considering their deficiencies and potentialities. Finally, with the support of the theoretical framework, it was concluded that plastic, cloth and cardboard books are more suitable for young children and that for older children, attention should be paid to the size and format of the font adopted in the book, the questions of color and gloss of the paper and of non-overlapping of illustrations.

keywords: *Autistic Spectrum Disorder; selections of children's collections; reading mediation; collection development; inclusion.*

1 INTRODUÇÃO

A prática da seleção de acervos no contexto do Desenvolvimento de Coleções faz parte do cotidiano das bibliotecas. Há décadas, bibliotecários se dedicam a estudos



doi: [10.28998/cirev.2024v11e15494](https://doi.org/10.28998/cirev.2024v11e15494)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 06/05/2023

Aceito em: 04/10/2024

Publicado em: 05/10/2024

relacionados ao planejamento de seus acervos e adequação desses às comunidades que visam servir. No que diz respeito aos acervos infantis, tampouco é diferente, afinal, crianças também são usuários de bibliotecas e merecem que os acervos levem seus interesses e perfis em consideração.

Para além dos estudos de comunidade tendo em vista o adequado desenvolvimento de coleções, bibliotecários empenhados sempre se preocuparam com certo grau de personalização na prestação de serviços de informação para comunidades em que determinados grupos sociais precisem ser incluídos. Acervos em braile, por exemplo, são realidade em um considerável número de bibliotecas brasileiras. Não nos cabe neste estudo, entretanto, avaliar se são acervos adequados ou suficientes.

Atualmente, vemos um crescente número de grupos com necessidades e demandas um pouco mais personalizadas. Pela importância das bibliotecas escolares e públicas e por terem um forte papel na formação do leitor precisamos, enquanto profissionais da Biblioteconomia e da Educação, refletir sobre algumas práticas e tratar a inclusão para além do que é dado e traduzido por autores e editoras. Bibliotecários, professores e familiares, especialmente de crianças com alguma deficiência precisam atentar suas escolhas para suportes adequados ao uso seguro e com uma forma de apresentação que colabore para o bem-estar e formação do leitor.

Quando se fala em inclusão no ambiente de uma biblioteca, não se remete exclusivamente à fatores sociais, econômicos, culturais e tecnológicos, e sim a todos eles juntos. Uma biblioteca escolar inclusiva deverá ser capaz de proporcionar o acesso à informação e o atendimento de todos os alunos, professores e demais usuários independente de cor, situação econômica, classe social, nível de escolaridade, limitações e deficiências (Marcolino; Castro Filho, 2014, p. 7).

É neste contexto que destacamos aqui um grupo com necessidades por vezes muito específicas: as crianças que se encontram dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Dados de 2023 do Centers for Disease Control and Prevention (CDC) surpreenderam a sociedade ao indicarem que 1 em cada 36 crianças até 8 anos, nos Estados Unidos, encontra-se no espectro autista. O Brasil não possui um trabalho de coleta como o do CDC sendo assim, neste estudo, a prevalência será considerada conforme os dados estadunidenses.

O que fica evidente analisando esses números é que não podemos ignorar o contingente de crianças no espectro autista que precisam de mediação de leitura e que teriam maiores condições de evolução com suportes e textos adequados as suas necessidades e demandas.

Os alunos da educação infantil e do ensino fundamental que apresentam esses transtornos poderão se beneficiar, se houver serviços que ofereçam condições favoráveis de acesso à informação na biblioteca escolar da instituição educacional em que estudam. Por esse motivo, o debate sobre a inclusão das pessoas como autismo nos espaços formais de aprendizagem como a biblioteca escolar e o seu processo de ensino-aprendizagem são pertinentes na medida em que o comportamento inapropriado do usuário com o transtorno, a sua dificuldade de interação, comunicação e o repertório restrito de interesse são um desafio para os profissionais de ensino e da biblioteca (Santos; Diniz, 2018, p. 94).

Sendo assim, devemos pensar em duas questões: suporte e forma em que o texto literário é apresentado e conteúdo. Neste artigo, exploraremos o suporte de publicação das obras infantis e a forma de apresentação do texto e das ilustrações nessas obras.

Este artigo passa por uma reflexão biblioteconômica que envolve o Desenvolvimento de Coleções e a mediação de leitura, mas considerando a carência de publicações sobre livros para crianças com TEA, é possível que também seja útil para familiares, terapeutas e cuidadores dessas crianças.

2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Segundo o Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-5) o TEA pode aparecer em três níveis:

- nível 1 – exigindo apoio;
- nível 2 – exigindo apoio substancial;
- nível 3 – exigindo apoio muito substancial. (American Psychiatric Association, 2014, p. 52).

Os estudos sobre o Autismo percorreram um longo caminho até nossos dias e uma série de teorias e teses foram formuladas e depois contestadas. Também existia e ainda existe muita desinformação em torno do transtorno de modo que farei um breve histórico para aquelas pessoas que sabem pouco sobre o TEA.

Segundo Silva (2022), quem utilizou a terminologia “Autismo” pela primeira vez foi Eugen Bleuler (1857-1939) para descrever uma espécie de retraimento do paciente para um mundo interior. Ainda de acordo com Silva (2022, p. 22), “o termo tem origem na palavra alemã “autismos” que se utiliza do prefixo grego AUTO (de si mesmo), mais o sufixo ISMOS (que é indicativo de ação ou estado)”.

Entretanto, é Leo Kanner e Hans Asperger, ambos psiquiatras austríacos, que dão a base para os primeiros e mais consistentes estudos sobre Autismo Infantil.

O Autismo Infantil foi definido por Kanner, em 1943, sendo inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino. (Tamanaha; Perissinoto; Chiari, 2008, p. 296).

No que diz respeito a Asperger, as autoras afirmam:

Em 1944, Asperger propôs em seu estudo a definição de um distúrbio que ele denominou Psicopatia Autística, manifestada por transtorno severo na interação social, uso pedante da fala, desajeitamento motor e incidência apenas no sexo masculino. O autor utilizou a descrição de alguns casos clínicos, caracterizando a história familiar, aspectos físicos e comportamentais, desempenho nos testes de inteligência, além de enfatizar a preocupação com a abordagem educacional destes indivíduos (Tamanaha; Perissinoto; Chiari, 2008, p. 296).

Neste contexto, faz-se necessário observar que as contribuições de ambos (Kanner e Asperger) para a literatura sobre Autismo foram importantes, entretanto hoje existem

críticas relacionadas ao enfoque de Kanner cujos estudos se baseavam na percepção de que o Autismo estava ligado a uma perturbação afetiva e que, portanto, havia uma questão parental especialmente relacionada às mães: “O termo ‘mãe-geladeira’ surgiu em 1949, tendo como inspiração um artigo de Leo Kanner em que ele dedicou maior ênfase nas relações familiares de seus pacientes - relações por ele compreendidas como pouco afetuosas - para explicar o surgimento do fenômeno” (Lopes, 2020, p. 512).

Ao longo dos anos novas pesquisas foram sendo desenvolvidas e a intensa participação de cuidadores de autistas (especialmente as mães) contribuíram para o conhecimento que temos hoje e que é consolidado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5):

Estimativas de herdabilidade para o transtorno do espectro autista variam de 37% até mais de 90%, com base em taxas de concordância entre gêmeos. Atualmente, até 15% dos casos de transtorno do espectro autista parecem estar associados a uma mutação genética conhecida, com diferentes variações no número de cópias de novo ou mutações de novo em genes específicos associados ao transtorno em diferentes famílias. No entanto, mesmo quando um transtorno do espectro autista está associado a uma mutação genética conhecida, não parece haver penetrância completa (American Psychiatric Association, 2014, p. 57).

Esclarecido que o TEA é de origem genética resta a questão principal, quem são esses indivíduos e quais suas limitações e habilidades? Essa é uma resposta que requer muitos estudos para ser respondida, por ora, nos cabe refletir se, enquanto profissionais da informação estamos oferecendo o que é mais assertivo para essas crianças.

3 A QUESTÃO DA LEITURA E A SELEÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS PARA CRIANÇAS

Os primeiros mediadores de leitura de uma criança são as mães e os pais, eventualmente irmãos, mas principalmente as mães que começam a jornada da maternidade com a criança em seu ventre. A leitura inicial que a mãe faz para o seu filho não é, necessariamente, de um livro, ela é do mundo. Talvez a mãe fale sobre a família, sobre as árvores, sobre o mar, entre tantas outras possibilidades. Após o nascimento, a comunicação da criança ainda não é verbal, então os responsáveis vão apresentando a ela os objetos, eles vão mediando a leitura de mundo. E assim a criança vai se desenvolvendo até que a família tenha apoio de outros mediadores de leitura de mundo e, também, de textos de livros. Esses parceiros podem ser professores, profissionais de Biblioteconomia, contadores de histórias, dentre outros.

As primeiras relações de leitura em um processo de comunicação e de compartilhamento através da expressão e da percepção iniciam por meio das interações entre a mãe e seu bebê, ainda no ventre materno, em uma rede de significados e de afetos que ambos vivenciam. Essa comunicação se alicerça não mais no suporte do emissor e do receptor, mas do expressor, a mãe, que expressa sentimentos de afeto, de ternura, e do perceptor, o filho, que percebe esses sentimentos na atitude da mãe em um momento de interação (Moro; Estabel, 2012, p. 56-57).

Esse é um rumo natural independente da classe social, entretanto é claro que algumas crianças vão ter essa mediação com mais qualidade do que outras dependendo do seu círculo familiar e social.

No caso da mediação de leitura, que é o que nos interessa neste artigo, estudiosos dão conta da importância da figura do mediador na seleção de obras para leitura para pessoas de todas as idades e, muito especialmente, para crianças e jovens.

Se a conclusão fundamental e genérica é que ler pode mover as pessoas a determinadas atitudes, sentimentos, percepções etc. recomendar ler determinados livros converte-se num ato importante; e, se a recomendação, vai acompanhada de algum modo de obrigação, ainda mais. E ainda mais, como parece e podemos intuir se é a crianças e adolescentes a quem a pessoa que recomenda se dirige, porque elas estão num processo de composição da vida e das suas atitudes e conhecimentos perante a vida, em que essas leituras podem ter efeitos ainda mais decisivos (Feijó, 2016, p. 76).

De modo geral, as pessoas consideram o incentivo à leitura e a mediação de forma positiva, mas a análise de Feijó (2016) traz um contraponto interessante no sentido de refletir sobre a responsabilidade de quem guia o leitor, ou seja, essa pessoa tem de estar preparada para indicar leituras, utilizar recursos e fazer escolhas de instrumentos para mediação que sejam adaptados a diferentes indivíduos e grupos.

Nesse caso estamos partindo do pressuposto de que a seleção de obras para uma biblioteca (seja escolar, seja particular de uma família, por exemplo) já foi realizada e que cabe ao mediador a escolha da obra mais adequada, mas a verdade é que é necessário primeiro dar acesso as obras certas para depois o mediador poder selecioná-las, a menos, claro, que o próprio mediador tenha demandado a aquisição.

O ato de mediar leitura é precedido pelas escolhas do mediador, as crianças, na maioria das vezes, são agentes passivos, o que reveste o mediador de grande responsabilidade: “Diferentes atores deveriam atuar sob as oportunidades de criar desde cedo vivências que instrumentalizem as crianças a desenvolverem visões mais ampliadas, críticas e transformadoras para atuarem no mundo da vida” (França, 2012, p. 70).

Ao selecionar uma obra literária que será lida em uma biblioteca no horário da contação de histórias ou que será adotada para algum trabalho escolar específico, o mediador precisa estar atento ao público e, levando em consideração os dados atuais de prevalência de TEA e outros transtornos globais de desenvolvimento, esse mediador precisa pensar na acessibilidade e inclusão ao avaliar, sugerir e fazer a leitura de obras literárias.

O processo de mediação de leitura está intimamente relacionado ao compartilhamento do texto e das ilustrações do livro literário proposto para a leitura. A criança deve ter uma participação ativa com o mediador e com a obra escolhida quando se dá a leitura, sendo assim é importante destacar a importância da seleção do livro que será lido e compartilhado com a criança (contação de histórias) ou que será indicado a ela em uma biblioteca, por um profissional de Biblioteconomia ou, ainda, pelo professor ou professora em sala de aula.

Na maioria dos casos, a seleção de obras literárias para o público infantil realizada por um profissional de Biblioteconomia ou por uma professora da educação infantil e séries iniciais se dá pela qualidade do texto literário. Normalmente se avalia o texto, a relevância do tema, a autoridade do autor, o renome da editora, o número de exemplares na biblioteca

(para dar conta da demanda das crianças que tendem a quererem levar o livro emprestado após a contação de histórias) entre outras variáveis com menor impacto na escolha.

Pode parecer simples à primeira vista porque aparentemente as crianças são abertas às experiências, no entanto, com o advento tecnológico o tempo que as pessoas se concentram nas atividades vem diminuindo e é necessário um apelo maior para mantê-las concentradas, nesse sentido a história selecionada para o contação, bem como as ilustrações do livro e instrumentos auxiliares (fantoques, bonecos, dentro outros) precisam ser cuidadosamente selecionados para atrair a atenção das crianças e mantê-las interessadas.

É preciso olhar cada estudante dentro do espaço escolar de forma a individualizar seus interesses e predileções para que a atividade escolar que desenvolve faça conexões com a sua vida e suas expectativas de aprendizagem. E para isto, é de extrema relevância os profissionais que atuam com esse estudante conhecerem e compreenderem as características desse transtorno para melhor saber se colocarem frente aos desafios que demandam aos que atuam diretamente com ele (Santos; Diniz, 2018, p. 97).

Do ponto de vista prático sabemos que há muitas variáveis envolvidas quando se trata de seleção de acervos para bibliotecas, por exemplo, primeiro porque boa parte das bibliotecas sequer possui recursos financeiros para seleção por compra. Essa é a situação da maior parte das bibliotecas brasileiras públicas e de escolas públicas. A disposição do acervo, bem como a contribuição dos pais, no caso das minibibliotecas nas salas de aula, por exemplo, também coloca os profissionais em uma posição delicada, pois muitas vezes aquilo que é doado pelas famílias não é, exatamente, o que seria adquirido pelas instituições.

De qualquer forma a reflexão neste artigo é sobre o que seria o ideal em termos de seleção de suporte/formato e conteúdo para crianças que se encontram no espectro autista.

4 SELEÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS PARA CRIANÇAS COM TEA

Ao colocarmos um título como “seleção de obras literárias para crianças com TEA” pode parecer uma exclusão de obras para outras crianças, mas é nesse ponto que a inclusão se faz mais interessante: absolutamente qualquer livro selecionado para uma criança neuroatípica pode ser trabalhado com uma criança neurotípica, mas a recíproca nem sempre é verdadeira.

O trabalho de Desenvolvimento de Coleções foi bastante difundido, no Brasil, a partir das publicações de Waldomiro Vergueiro cujo enfoque está na importância dos critérios de seleção: “A política de seleção procura garantir que todo material seja incorporado ao acervo segundo razões objetivas predeterminadas e não segundo idiosincrasias ou preferências pessoais (Vergueiro, 2010, p. 17).

Levando em consideração a afirmação de Vergueiro, parece evidente que em uma sociedade que se pretenda inclusiva a política de seleção de uma biblioteca deve orientar para a seleção e aquisição de materiais que sejam atraentes e intelectualmente interessantes para pessoas com deficiência, que é o caso das pessoas com TEA.

A Declaração de Salamanca (ONU, 1994, p. 11) evidenciou a inclusão no ambiente escolar: Inclusão e participação são essenciais à dignidade e ao desfrute e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, estas concepções refletem-se no

desenvolvimento de estratégias que procuram alcançar uma genuína igualdade de oportunidades.

O impacto dos dados de 2023 trazidos pelo CDC sobre a prevalência do autismo gera a necessidade imediata de pensarmos nas melhores formas de inclusão das crianças com esse diagnóstico. No campo da Biblioteconomia e mediação de leitura precisamos pensar em suportes e em textos adequados a essas pessoas.

Sendo assim, devemos pensar em duas questões: suporte e forma em que o texto literário é apresentado e conteúdo. Neste artigo, exploraremos o suporte de publicação das obras infantis e a forma de apresentação do texto e das ilustrações nessas obras.

4.1 Seleção de suportes de obras literárias para crianças com TEA

Os primeiros anos de uma criança são determinantes para o seu desenvolvimento. A família, professores e profissionais que cercam essa criança possuem papel fundamental no estímulo ao desenvolvimento dela. Fazer escolhas sobre quais os brinquedos e jogos mais adequados, bem como quais os livros e atividades a serem escolhidos pode ser um desafio para mães, pais, professores e outros mediadores.

Com relação as habilidades de crianças de 2 anos, Ledur *et al.* (2019) afirmam que elas são capazes de correr, pular, caminhar de costas, mas que ainda não desenvolveram bem as noções de perigo e de cuidado consigo mesmas.

O processo de desenvolvimento do ser humano toma em si as singularidades humanas, as especificidades hereditárias do indivíduo e aquelas que são resultantes da sua experiência de interação com a realidade social e física. O processo de desenvolvimento da criança é um processo pessoal, único, situado num contexto histórico e cultural que, também, o influencia. A criança desenvolve-se em diferentes ambientes, mais ou menos familiares, que lhe oferecem as suas primeiras experiências de vida (Dias; Correia; Marcelino, 2013, p. 14).

Crianças no espectro autista também são crianças, entretanto pela peculiaridade de sua condição precisam de maiores estímulos e de compreensão quanto a sua forma de se relacionar com pessoas e objetos. Não é intenção desse artigo discorrer sobre terapias, tratamentos ou questões do tipo, mas elucidar como os conhecimentos biblioteconômicos aliados aos literários e a experiência no cotidiano com crianças e pessoas com TEA pode nortear um trabalho de seleção de obras literárias para crianças com o transtorno.

Muitas vezes, quando definimos um transtorno, as pessoas tendem a definir os sujeitos apenas através do diagnóstico elaborado, ou seja, para algumas pessoas definir um diagnóstico supõe definir uma pessoa, o que ela pode ou não realizar, esquecendo que qualquer indivíduo pode e deve mudar durante o tempo ao vivenciar experiências sociais, cognitivas, emocionais, entre outras (Silva, 2022, p. 25).

As crianças com TEA também são diferentes entre si, pois o espectro é muito amplo, sendo assim é necessária certa personalização na seleção de textos literários, entretanto quando o assunto é suporte e formato podemos refletir sobre alguns tipos mais interessantes para serem indicados/adotados por mediadores ou adquirido pelas famílias atípicas.

Uma biblioteca escolar para ser acessível e inclusiva não necessita unicamente de recursos multimídia e livros especiais para deficientes, é possível dar os primeiros passos para promover um ambiente para todos, através da realização de atividades interativas com os usuários, como o exemplo da Biblioteca de São Paulo. E para isso, cabe aos profissionais da informação trabalhar para modificar a maneira de pensar e agir diante da inclusão, e se aprimorar, conscientes de que o empenho e os primeiros passos são fundamentais para garantir o sucesso da implantação de uma biblioteca escolar inclusiva (Marcolino; Castro Filho, 2014, p. 11).

Conhecer os usuários da comunidade que estão dentro do TEA e acolhê-los a partir do conhecimento de suas singularidades é essencial para o sucesso do trabalho inclusivo em bibliotecas. Algumas características desses indivíduos são elencadas abaixo, assim como a possível atuação dos profissionais de Biblioteconomia, Educação e das famílias.

É importante destacar que sensorialmente o contato com o papel e com as possibilidades de tocá-lo, amassá-lo e rasgá-lo pode ser muito interessante para as crianças: seja por meio do toque, seja pelo som do papel sendo amassado ou rasgado. Muitas crianças com TEA apresentam hipersensibilidade sensorial, sendo assim a relação e contato dessas crianças com os objetos (o livro entre eles) pode ser mais intensa do que o de uma criança neurotípica.

A modulação sensorial é a capacidade do nosso cérebro de filtrar a informação sensorial recebida e interpretar sua intensidade e frequência. Permite que a pessoa organize um comportamento adequado, respondendo as informações principais e não ao que é irrelevante, de maneira que torne possível o engajamento e participação nas diferentes situações e contextos da rotina da vida. Esta habilidade está relacionada ao estado de alerta e atenção, que moldam a personalidade e o desempenho comportamental da pessoa no seu dia a dia. Essa disfunção pode acarretar resposta excessiva ou baixa, impactando no comportamento sensitivo ou/e motor e seu desempenho (Herter; Petersen, 2022, p. 91).

Considerando que a modulação sensorial no indivíduo com TEA é complexa, pois a hiper e a hiporresponsividade podem coexistir fazendo com que a pessoa com TEA seja mais reativa a determinados estímulos e menos a outros (Herter; Petersen, 2022), devemos incentivar a leitura sem preocupações excessivas com o suporte frágil que é o papel. Infelizmente os orçamentos de boa parte das famílias brasileiras e de instituições como bibliotecas tendem a ser reduzidos, sendo assim precisamos pensar em suportes duráveis.

Para crianças pequenas devemos optar: por livros de plástico (comumente chamados de livros de banho), por livros de tecido e por livros de material cartonado. Embora livros desse tipo de material já sejam largamente adquiridos para crianças até três anos, no caso de crianças com TEA poderíamos prorrogar um pouco esse “prazo”: até os cinco anos parece ser seguro e interessante que elas possam manusear livremente o livro sem passar pela censura e pelo discurso: “cuidado para não rasgar” - alerta tão comum emitido por pais e educadores.

O selecionador deve dar especial atenção ao acabamento de livros de plástico e de material cartonado: especialmente no que diz respeito aos cortes do livro que devem ser levemente arredondados, uma vez que crianças com TEA tendem a manipular as obras com maior intensidade: cheirando-as, apertando-as e eventualmente explorando de forma não convencional. Lembrando que devemos oferecer oportunidades sensoriais na “medida certa” (Herter; Petersen, 2022).

Em artigo sobre Letramento Informacional para usuários com TEA em bibliotecas escolares Santos e Diniz (2018) mencionam o Desenho Universal que aparece no artigo 2 do Decreto nº 6.949/09:

“Desenho universal” significa a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico. O “desenho universal” não excluirá as ajudas técnicas para grupos específicos de pessoas com deficiência, quando necessárias (Brasil, 2009, não paginado).

No caso dos livros existem suportes que atendem ao que se chamou de “Desenho Universal”: livros em tecido, por exemplo. Porém, é importante atentar para as características de livros em tecido: os textos são bastante limitados e é comum encontrar algumas obras com compartimento de pilha ou bateria dentro do livro, para que seja emitido algum som ou música quando a criança aperta nas ilustrações: o mais comum é do tipo “animais da fazenda” ou “animais da selva”. Embora sejam livros interessantes para brincar e mediar com as crianças a emissão do som e o texto correspondente, essas obras em especial, não devem ser usadas pelas crianças sem mediação pois elas podem, facilmente, abrir o compartimento (com velcro ou costura superficial) e acessar as pilhas/baterias e os fios.

No que diz respeito aos textos de livros em plástico e em material cartonado, mais recentemente editoras de maior porte e que se dedicam a obras de melhor qualidade começaram a publicar textos de autores consagrados. Sendo assim, atualmente, o selecionador já encontrará boas obras em plástico ou material cartonado para crianças até cinco anos. Em suporte de tecido o mais comum continua sendo textos de sons de animais e outros em que seja possível trabalhar sons da fala de forma lúdica.

Sobre os suportes é importante lembrar que a inclusão plena é feita quando a adaptação não exclui o sujeito, ou seja, no caso do incentivo ao uso do livro em suportes alternativos em uma biblioteca, por exemplo, ou quando adotado pela escola ou, ainda, para a retirada por empréstimo pelo aluno com TEA, o mesmo estímulo deve ser feito às crianças que não possuem o transtorno (para tal podemos retomar o conceito de “Desenho Universal” já mencionado anteriormente). Os formatos alternativos devem ser oferecidos para todos naquela faixa etária, naquele ano escolar ou naquele grupo em que esteja inserida, naquele momento, a criança com TEA, ou seja, ela não deve (assim como nenhuma outra criança), em hipótese nenhuma, ser cerceada ou induzida e escolher os livros “que estragam menos”.

4.2 Seleção de formatos de apresentação de obras literárias para crianças com TEA

Nas páginas anteriores analisamos que crianças até os cinco anos, aproximadamente, especialmente com TEA podem ser estimuladas à leitura através da utilização de livros em suporte alternativo ao papel, como, por exemplo, livros de plástico, tecido ou de material cartonado. Pela própria característica desses materiais, seja através da maleabilidade (plástico e tecido), seja através da rigidez (material cartonado) eles apresentam como características de formato poucas informações textuais e de imagem, então, de modo geral, não faria muitos reparos a eles no que diz respeito a forma de apresentação do “conteúdo”.

Mas ao pensarmos no suporte em papel e nos livros de “estrutura” física clássica que, esperamos, já possam ser livremente (ou parcialmente em casos de crianças com transtorno sensorial mais severo) utilizados por crianças maiores de cinco anos (lembrando que o marco temporal é sempre aproximado) alguns aspectos devem ser levados em consideração. Um documento produzido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e pela equipe do projeto “Infâncias em foco” elencou, no que diz respeito ao projeto gráfico, alguns aspectos importantes:

- adequação da proposta gráfica ao texto às competências de leitura do leitor/faixa etária;
- adequação do tamanho e tipo das letras às competências de leitura e faixa etária à qual o livro se destina;
- qualidade da ilustração e suas relações com o texto;
- durabilidade do livro (São Paulo, 2020, p. 5)

Os critérios acima servem para a seleção de obras para crianças neurotípicas, mas também contemplam as crianças com TEA na medida em que aspectos como durabilidade, qualidade da ilustração e a relação com o texto, bem como o tamanho e o tipo de fonte das letras são trazidas ao debate.

A apresentação do texto é muito importante porque se a criança conseguir decodificá-lo individualmente terá uma maior confiança em si mesma e na sua capacidade intelectual estando pronta para maiores desafios de leitura.

Quanto ao papel em que o texto está impresso o ideal é que seja fosco, sem brilho excessivo e sem reflexos desconfortáveis – se a leitura não for confortável para um adulto, também não será para uma criança e, muito menos, para uma com TEA.

Temple Grandin e Richard Panek (2019) chamam a atenção para o fato de que o “brilho” pode causar sobrecarga visual. Temple Grandin, que é professora, pesquisadora e autista afirma que em alguns casos o papel branco também pode sobrecarregar o sistema visual mais sensível à luminosidade.

Às vezes vejo alunos lutando com a tarefa de desenhar. Eles podem apresentar desenhos repletos de linhas onduladas e tremidas no lugar de arcos suaves. Primeiro sugiro que se dirijam ao centro de aconselhamento, mas às vezes, por alguma razão, eles não querem ir. Então, ok. Nesse caso eu os mando à fotocopadora para copiar páginas de um livro e usar papéis em diferentes tons pastel até encontrarem o tom que os ajude a enxergar melhor. Pode ser bege. Pode ser lavanda. Mas alguma cor vai funcionar melhor (Grandin; Panek, 2019, p. 97).

No que diz respeito às ilustrações de livros infantis, sabemos que se trata de arte e que existe a questão da originalidade e da estética, mas na medida do possível quando selecionamos livros inclusivos devemos evitar imagens sobrepostas, excesso de informação e imagens que não se comunicam com o texto. A criança com TEA pode sentir uma sobrecarga sensorial visual caso as ilustrações tenham elementos excessivos, então ilustrações limpas, fáceis de serem compreendidas e que comuniquem o sentido da narrativa são essenciais.

Souza e Nunes (2019) em artigo sobre os transtornos de processamento sensorial no autismo chamam a atenção para o fato de que pessoas com TEA além dos déficits na capacidade de processar, de forma global, informações visuais estáticas, o que a literatura

denomina como estilo de percepção focado em detalhes, também possuem alterações na capacidade de processar estímulos visuais dinâmicos.

Grandin e Panek (2019) também chamam a atenção para o fato de que as pessoas com TEA tendem a ver primeiro o detalhe e precisam de ajuda, muitas vezes, para compreender o todo. Ela dá o exemplo de uma floresta, se mostrar a imagem de uma floresta para uma criança neurotípica e perguntar o que é, a criança responderá “uma floresta” ou “bosque” ou “selva”, mas se perguntar para uma criança com TEA que não tenha sido ainda estimulada/ensinada a ver o todo ela responderá: “árvores”.

É evidente a importância de ilustrações que não sejam confusas e excessivas, mas que ajudem a criança com TEA a perceber que muitas árvores juntas formam uma floresta. Se na ilustração tiverem elementos para além das árvores formando a floresta (exemplos: muitas sombras, borboletas, um pequeno lago, etc.) é possível que a atenção da criança se volte para outro detalhe e a possibilidade de compreender a floresta poderá se tornar mais difícil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi fazer uma aproximação inicial entre a Biblioteconomia e práticas inclusivas voltadas a crianças com TEA na área do livro e da Literatura. Atualmente, muitos debates estão sendo travados e grupos de pessoas neurodivergentes (entre as comunidades mais representativas encontramos indivíduos com TEA e com Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade – TDAH) têm reivindicado seus direitos, sendo assim, na Biblioteconomia temos o dever de conhecer esses transtornos e preparar os acervos para receberem indivíduos dentro do espectro autista e de outros transtornos do desenvolvimento.

O enfoque deste artigo foi acerca dos suportes analógicos, pois existe um grande debate a respeito do uso excessivo de tecnologias digitais pelo público com TEA e o possível comprometimento cognitivo causado pelas telas. Sendo assim, quanto mais suportes analógicos lançarmos mão na mediação de leitura, melhor.

Ainda é importante destacar que o transtorno do espectro autista não é um transtorno degenerativo, sendo comum que aprendizagem e compensação continuem ao longo da vida. Os sintomas são frequentemente mais acentuados na primeira infância e nos primeiros anos da vida escolar, com ganhos no desenvolvimento sendo frequentes no fim da infância pelo menos em certas áreas (DSM-5, 2014).

Estudos sobre o assunto TEA nas diversas áreas da Biblioteconomia se fazem necessários, assim como estudos que incluam outros tipos de transtornos e deficiências para que tenhamos a inclusão plena desses indivíduos nas bibliotecas brasileiras. Analisar o uso da Literatura Infantil por mediadores de leitura e o que funciona melhor com crianças com TEA, bem como aplicar instrumentos de coleta de dados a pessoas autistas e seus familiares para compreender e analisar suas demandas de leitura também é um caminho possível para que seja realizado um bom trabalho de inclusão nas bibliotecas e escolas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5**: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: [Decreto nº 6949 \(planalto.gov.br\)](#). Acesso em: 19 mar. 2024.

DIAS, Isabel Simões; CORREIA, Sônia; MARCELINO, Patrícia. Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos/SP, v. 7, n. 3, p. 9-24, 2013. Disponível em: [DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: CARACTERÍSTICAS VALORIZADAS PELOS FUTUROS EDUCADORES DE INFÂNCIA | Revista Eletrônica de Educação \(ufscar.br\)](#). Acesso em: 19 mar. 2023.

FEIJÓ, Elias José Torres. Ler, sem ética nem moral. Contributos da psicologia cognitiva e ética na e da leitura. In: RÖSING, Tânia; ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura: História e Ensino**. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. Instrumentos para atuar no mundo da vida: a leitura do mundo. In: NEVES, Iara Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

HERTER, Fernanda Guinter; PETERSEN, Lilian de Castro. A integração sensorial no Transtorno do Espectro do Autismo. In: SILVA, Karla Fernanda Wunder; BINS, Katuscha Lara Genro; CRUZ, Patrícia Machado (Org.). **Transtorno do espectro autista: enlaces pelo olhar e pelo afeto**. Maringá: Viseu, 2022.

LEDUR, Carolina Sarzi et.al. O desenvolvimento infantil aos dois anos: conhecendo as habilidades de crianças atendidas em um programa de saúde materno-infantil. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 40-59, jan. 2019. Disponível em: [O desenvolvimento infantil aos dois anos: conhecendo as habilidades de crianças atendidas em um programa de saúde materno-infantil \(bvsalud.org\)](#). Acesso em: 11 abr. 2023.

LOPES, Bruna Alves. Autismo, narrativas maternas e ativismos dos anos 1979 a 2008. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru/SP, v. 26, n. 3, p. 511-526, jul./set. 2020. Disponível em: [SciELO - Brasil - Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008¹ Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008¹](#). Acesso em: 08 fev. 2023.

MARCOLINO, Maria Antonieta Ribeiro; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. esp., 2014. Disponível em: [O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão | Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação \(febab.org.br\)](#). Acesso em: 19 mar. 2024

MORO, Eliane da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de leitura na família, na escola, na biblioteca, na bibliodiversidade. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf/SEAD/UFRGS, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU); ESPANHA. Ministério da Educação e Ciência. **Declaração de Salamanca e enquadramento da ação**: nas áreas das necessidades educativas especiais. Salamanca, 1994. Disponível em: [Declaração de Salamanca \(pnl2027.gov.pt\)](http://pnl2027.gov.pt). Acesso em: 05 maio 2023.

SANTOS, Marcos Pestana; DINIZ, Cládice Nóbile. A inclusão dos usuários com transtorno do espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar. **Revista da ACB**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 92-106, 2018. Disponível em: [A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar | Revista ACB \(acbsc.org.br\)](http://acbsc.org.br). Acesso em: 19 mar. 2024.

SÃO PAULO. **Experiências literárias**: diálogo com gestoras(es) e professoras(es): como escolher livro infantil para ampliação do acervo? São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, 2020, 10p.

SILVA, Karla Fernanda Wunder. Transtorno do espectro autista: o que se esconde por trás do diagnóstico? In: SILVA, Karla Fernanda Wunder; BINS, Katuscha Lara Genro; CRUZ, Patrícia Machado (Org.). **Transtorno do espectro autista**: enlaces pelo olhar e pelo afeto. Maringá: Viseu, 2022.

SOUZA, Renata Ferreira de; NUNES, Débora Regina de Paula. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. **Revista de Educação Especial**, v. 32, 2019. Disponível em: [Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações | Revista Educação Especial \(ufsm.br\)](http://ufsm.br). Acesso em: 19 mar. 2024.

TAMANHAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jaci; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. Disponível em: SciELO - Brasil - Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. Acesso em: 08 fev. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2010.